

A verdade política na TV

CONZAGA MOTTA
Colaborador

Terminou ontem em Brasília, como em todo o País, o horário gratuito do TRE. Todos os comentários sobre o programa, com raríssimas exceções, são bastante depreciativos. Fala-se muito do baixo nível intelectual dos candidatos, do despreparo deles para enfrentar as câmaras e microfones, da falta de recursos para a produção, da confusão dos candidatos que prometem consertar ruas e abrir redes de esgoto quando nada disso será assunto de uma Assembleia Nacional Constituinte, dos apelos emocionais piegas, da monotonia na imagem de candidatos-bonecos e muitas outras ásperas críticas.

Todas estas acusações são verdadeiras. O programa gratuito do TRE colocou nas telas da TV de nossas casas uma sequência inusitada de imagens que vão do grotesco ao demagógico. Para o telespectador acostumado com o "padrão global", é certo que houve um excesso de mal gosto e um primarismo visual de dar pena.

Tudo isto, no entanto, não desmerece o programa. O horário eleitoral gratuito é uma conquista democrática que, por força de lei, colocou nas emissoras de rádio e TV de todo o País, para ser visto por todos os eleitores, uma enorme variedade de candidatos que representam aquilo que como País tropical subdesenvolvido temos a oferecer aos nossos cidadãos.

Sem o horário eleitoral gratuito, o grau de informação do eleitor para decidir seu voto teria sido muito mais restrito. Se o programa não existisse e a propaganda no rádio e na TV fosse proibida, o eleitor só tomaria conhecimento de um pequeno número de candidatos que tivesse poder de pressão para aparecer no noticiário jornalístico. Se ela tivesse que ser paga, só os candidatos de maior poder econômico poderiam bancar as altíssimas contas cobradas pelas emissoras. Ainda que favorecendo aos partidos maiores e possibilitando aos candidatos de mais recursos capricharem mais na produção, o horário

gratuito é a forma mais democrática de divulgar os pretendentes a senador e a deputado.

Com isto não se pretende justificar a mediocridade. Na campanha destas eleições em Brasília houve grandes deformações políticas. Poucas vezes, por exemplo, os aspectos político-ideológicos apareceram nas campanhas. Todos os candidatos estavam mais preocupados com o seu marketing pessoal do que com a mensagem política. Houve muita apelação emocional para sensibilizar de qualquer maneira o eleitor menos informado. Houve excesso de amadorismo na produção e muito pouco profissionalismo. Mas, tudo isto se aprende na prática. E preciso errar para aprender. Política se aprende na militância e qualidade se ganha com a experiência.

Ficar apenas repetindo que as campanhas na TV foram ridículas sem considerar que a cidade não teve até agora nenhuma escola de prática política (porque era proibido) e que até poucos meses

atras os partidos sequer existiam legalmente, não acrescenta muito. Ironizar os simplicios da vida e ridicularizar os que mal sabem falar é se esquecer que o Brasil é feito, na sua maioria, por pessoas de baixo nível educacional, doentes e sem dentes. O grotesco, infelizmente, é parte do nosso cotidiano. Neste particular, a campanha eleitoral refletiu bem a nossa realidade. Não é à toa que, no Brasil, as novelas são as campeãs de audiência.

O horário de propaganda gratuita cumpriu a sua finalidade. Pôs diante de nós a verdade política nua e crua. E preciso que deixemos de nos basear nos padrões globais (estes sim, artificiais), e olharmos mais para o nosso próprio umbigo. E preciso, antes de tudo, defender a manutenção do horário eleitoral gratuito. Criticá-lo pelos seus excessos é contribuir com aqueles que procuram desmerecer esta conquista democrática para, no seu lugar e horário, continuar veiculando filmes importados e novelas piegas.